

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.020

RELAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE DE UM COLÉGIO MILITARIZADO DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA¹

HIGO BATISTA FERREIRA

Mestrando em Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-graduação em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, higoferreira8@gmail.com;

CLEA CARDOSO DA ROCHA

Mestra em Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-graduação em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, ccrocha@uefs.com;

RESUMO

O tema relação escola-comunidade vem ganhando cada vez mais destaque em âmbito educacional, sendo necessárias investigações para conhecer como e onde ela acontece, mediante as realidades e particularidades de cada local, nesta pesquisa destaca-se essa relação em um contexto militarizado. O presente artigo é oriundo de um estudo de caso e teve por objetivo compreender a relação escola-comunidade pré e pós a militarização de uma instituição de ensino da rede estadual no município de Feira de Santana-BA. Por meio da aplicação de entrevistas e de questionários, foi possível diagnosticar a relação entre o colégio e as pessoas da comunidade na qual está inserido tanto anterior à militarização quanto no contexto atual. Foram entrevistados cinco grupos de pessoas (professores – atuantes pré e pós militarização, direção civil, ex-estudantes e pessoas da comunidade do entorno) e coletados 353 resultados com a aplicação de questionário aos atuais estudantes que compõem o quadro discente dos três turnos de funcionamento da instituição, no ano de 2022. Os resultados encontrados evidenciaram a mudança dessa relação ao longo dos anos, decorrente do processo de militarização, que também possibilitou uma ampliação da zona de influência da escola no que diz respeito a estudantes matriculados, que são de vários bairros de Feira de Santana e também, de municípios vizinhos. Propõem-se que esta realidade

1 Artigo resultado do trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana do autor principal.

aqui descrita venha a ser gradativamente repensada e modificada, tendo em vista a importância da relação escola-comunidade em benefício de uma educação acessível e de qualidade a todos.

Palavras-chave: Escolas cívico-militares, Militarização, Zona de influência.

INTRODUÇÃO

Em um mundo em constantes transformações que impactam as variadas esferas sociais, a exemplo da educação, se faz necessário cada vez mais, aprofundar em temáticas que discutem as realidades destes impactos. Dentre as mudanças no meio educacional destacam-se os processos de militarização das escolas públicas brasileiras, que tem ganhado cada vez mais destaque principalmente, com a conjuntura política do país, em que o fomento de um modelo de escola denominada “cívico-militar” (Santos et al., 2019) tem favorecido uma expansão em todo o território nacional.

Com a justificativa de conhecer, investigar e discutir mais esta realidade educacional, a presente pesquisa se debruçou em analisar a relação escola-comunidade em um contexto militarizado. Uma temática muito conhecida no âmbito da educação, mas, pouco discutida neste contexto. O objetivo da presente pesquisa se concentrou em compreender a relação escola-comunidade pré e pós militarização de uma escola situada em um bairro periférico do município de Feira de Santana. Foi uma pesquisa de cunho qualitativo, direcionada para um estudo de caso por constituir-se até então na única escola militarizada no município, a qual foi escolhido mediante as experiências vivenciadas pelo pesquisador nos períodos de estágios supervisionados e atividades desenvolvidas enquanto voluntário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Todo o período de vivência, entre os anos de 2018 e 2021, foram marcados por algumas inquietações relacionadas à temática da pesquisa: “Por que escolher aquela escola para militarizar? Quais as influências na dinâmica do bairro? Qual é o público discente que frequenta a escola?”, “A escola é aberta às pessoas da comunidade do entorno?”, “As relações escola-comunidade mudaram ao longo dos anos?”.

Na tentativa de responder aos questionamentos, foram traçados três objetivos específicos: investigar as contribuições da transição da escola para o regime militar na dinâmica e organização do bairro; Comparar as relações comunidade-escola numa escala temporal de transição; Analisar qual a relação da comunidade do bairro com a escola, sejam em estudantes matriculados, relações de trabalho ou outras atividades. Para solucioná-los foram realizadas pesquisa documental, atividades de campo na escola e vizinhança, observações participantes que versam desde o período em que o pesquisador foi pibidiano e estagiário no colégio, além de entrevistas semiestruturadas e aplicações de questionário.

É importante salientar que, ainda que se tenha vários conceitos e compreensões acerca do que vem a ser “comunidade”, na presente pesquisa foi levado em consideração a comunidade do entorno da escola, a qual é composta por pessoas que podem ou não estar inseridas também à comunidade escolar.

Vale apontar que, ainda que o contexto de fomento aos modelos de escola cívico-militares tenha sido uma realidade no ano de 2019, via Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019 (BRASIL, 2019), que visava a criação do Plano Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), e sido revogada em julho de 2023, através do Decreto nº 11.611 (BRASIL, 2023), não recai sobre a escola-campo analisada na presente pesquisa já que, a militarização da mesma foi um processo anterior a toda essa realidade transitória de governo e implementação e retirada de modelos escolares deste caráter.

METODOLOGIA

A pesquisa se configurou enquanto qualitativa ou naturalística pois, como afirma e caracteriza Bogdan e Biklen (1982), este tipo de pesquisa tem no ambiente natural a sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, por isso, é adequado também, em chamá-la de naturalística.

A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos mediante o contato do pesquisador com a situação estudada, a enfatizar mais o processo que o produto e preocupa-se em retratar a perspectiva dos participantes (Bogdan; Biklen, 1982). No contexto educacional é uma metodologia com potencial que se desdobra em abordagens, que na presente pesquisa se destaca para a de estudo de caso à qual, André (1984) distingue de outras abordagens, principalmente, por seu caráter singular e sua ênfase no particular, implicando que o objeto de estudo seja examinado como único. Além de, possibilitar o conhecimento e compreensão dos problemas e do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade (Ludke; André, 1986).

A natureza de unicidade da presente pesquisa, e conseqüentemente, sua abordagem como um estudo de caso, ainda se enfatiza pelo fato de, o objeto de estudo, o colégio militarizado analisado, ser o único, até o ano de 2022, neste modelo no município de Feira de Santana, tornando exclusivo o desenvolvimento da pesquisa na temática proposta e com um procedimento metodológico coerente para esta realidade.

É importante destacar que, a pesquisa encontra-se amparada em projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP/UEFS) sob a Resolução CONSEPE 061/2008 – Projeto Estágio Supervisionado e Pesquisa: possibilidades de produção de conhecimento na Licenciatura em Geografia da UEFS (UEFS, 2008).

ATIVIDADES DE CAMPO: APLICAÇÃO DE ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIO.

Para a coleta dos dados levantados, foram realizadas atividades de campo na escola analisada, CPMDP, e no bairro que o circunda, o Campo Limpo, no município de Feira de Santana. Esta atividade foi importante mediante a necessidade de ouvir e dialogar com os sujeitos da pesquisa, o que possibilitou uma compreensão melhor e mais apurada da realidade da relação escola-comunidade.

Os sujeitos da pesquisa foram: cinco professores que vivenciaram e cinco que não vivenciaram o processo de transição da militarização da escola; dois gestores civis, quatro ex-estudantes e quatro pessoas da comunidade do entorno - moradores do bairro, um total de quinze sujeitos entrevistados. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, em que a mesma se desenrola mediante um esquema básico, mas não muito rígido e se necessário, passível de adaptações (Ludke; André, 1986). A aplicação deste instrumento se fez eficaz por possibilitar uma captação corrente e imediata da informação que se desejava, além da possibilidade de correções, esclarecimentos e adaptações (Ludke; André, 1986).

Além das entrevistas também foram aplicados questionários digitais com os estudantes que frequentavam a escola no ano de 2022. A proposta deste questionário foi de quantificar e analisar a zona de influência da escola campo, mediante a aplicação de cinco perguntas que versavam acerca da origem e residência dos estudantes bem como, se recordavam de atividades realizadas na escola que tiveram a participação da comunidade do entorno. Foi um questionário aplicado com estudantes dos três turnos, sendo respondidos 208 do matutino, 103 do vespertino e 42 do noturno, totalizando 353 respondentes. É importante destacar também que, a aplicação dos questionários além de possibilitar a aquisição de dados para a presente pesquisa também foi uma solicitação por parte da gestão da instituição, por contribuir em informações que eles também não possuíam acerca do alcance

territorial desta unidade escolar, esses dados foram espacializados e entregues à instituição.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

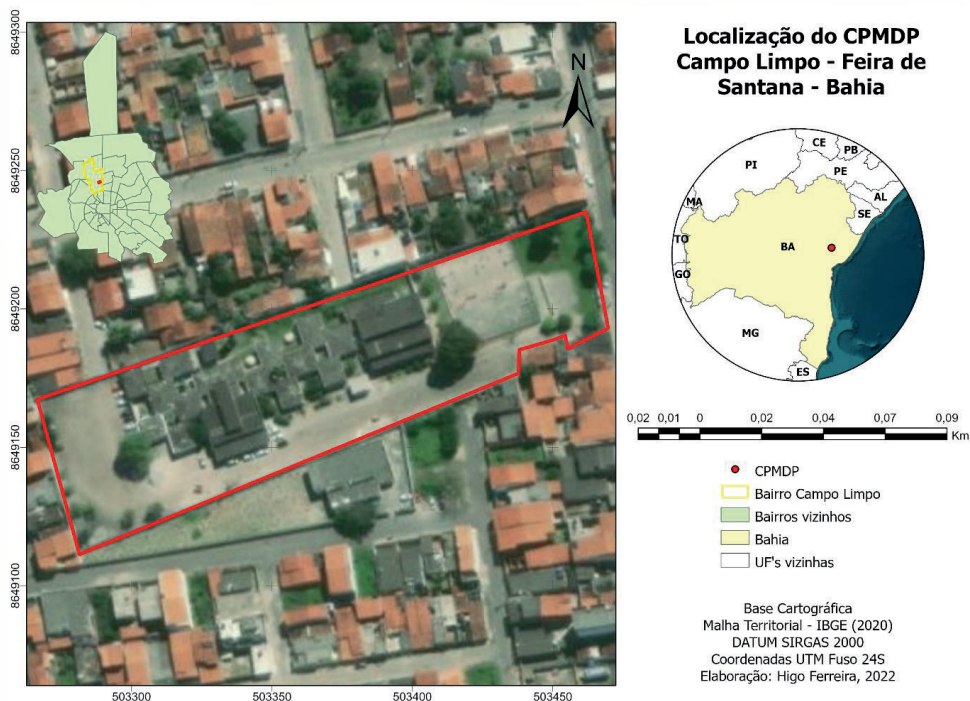
A técnica utilizada para organização, sistematização e análise dos dados coletados foi a Análise de Conteúdo de Bardin (1977), que dentre suas características destaca-se primeiramente na qualificação das vivências do sujeito assim como, suas percepções sobre objetos e fenômenos determinados. Além de, descrição do conteúdo durante a comunicação seja através de falas ou textos (Bardin, 1977).

Por meio das etapas de organização, codificação e categorização, a Análise de Conteúdo foi escolhida por possibilitar técnicas de análise que agregassem uma melhor interpretação dos dados obtidos via entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Limitado a Norte com os bairros Novo Horizonte e Pedra Ferrada; ao Sul com os bairros Sobradinho e Baraúna; a Leste com o Parque Ipê e Cidade Nova e a Oeste com o Gabriela, o bairro Campo Limpo tem sua história registrada desde a fundação do município de Feira de Santana (Santos; Silva, 2003). Foi ele, também, local de trânsito dos tropeiros e um dos primeiros bairros a ser habitado, tendo sua origem por volta de 1937, mediante a partilha da Fazenda Pombinhos, onde havia um local que, segundo a comunidade, tudo que se plantava, morria e por isso, o apelidaram de Campo Limpo, mantendo-o com este nome até os dias atuais (Santos; Silva, 2003).

Figura 1 - Mapa de localização do CPMDP



Fonte: elaborado pelo autor (2022)

O CPMDP é uma instituição pública sob dependência administrativa do Estado da Bahia, com modalidades de ensino regular e EJA, abrangendo turmas do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. O colégio possui funcionamento diário nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, sendo o último o único a não aderir ao processo de militarização da instituição. Mas, ainda que não siga à risca o regimento escolar militar, é exigido dos estudantes algumas regras que versam em especial pelo fardamento (mais simples e acessível, mas padrão - calça, camisa branca e sapato fechado).

A escola foi inaugurada em setembro de 1982, e começou suas atividades em 05 de abril de 1983, tendo inicialmente, todas as séries da educação básica. Posteriormente, entre os anos de 2004 e 2005 (fase de transição), mais precisamente no dia 31 de março de 2005 a militarização entrou em vigor, e seu funcionamento se estabeleceu com a adesão do ensino fundamental II e ensino médio sob regimento militar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ENTREVISTAS

Os dados foram sistematizados mediante aplicação da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). Das entrevistas realizadas foram selecionadas duas perguntas-chave, que comungavam e tinham uma intenção maior e mais conectadas com os objetivos da pesquisa, em que se destaca a própria relação escola-comunidade e a opinião deste processo transitório cívico-militar. Além disso, os dados coletados com a aplicação do questionário aos estudantes foram espacializados e apresentados em mapas (figuras 2 e 3).

As entrevistas realizadas foram agrupadas em quatro grupos que são, professores (pré e pós militarização), direção civil, ex-estudantes e comunidade do entorno. A escolha destes grupos se deu mediante a necessidade de conhecer, analisar e entender quais as percepções e compreensões que estes possuem acerca da temática central (relação escola-comunidade) bem como, suas experiências e vivências quanto à realidade e processo de militarização do CPMDP.

Os grupos-alvos dos professores pré e pós militarização bem como a direção civil são compostos por profissionais de diversas áreas de conhecimento como, geografia, história, letras com inglês, biologia e matemática. Esta diversidade de profissionais e áreas foi importante para obter conhecimento da opinião dos mesmos sobre o tema, sem restrição à área da Geografia, que possuem um conhecimento específico acerca do espaço. É importante destacar que, vários dos professores possuem muitos anos de experiência docente. Os ex-estudantes selecionados são estritamente do curso de Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e esta escolha se deu pela facilidade de acesso e proximidade do pesquisador com os mesmos. Já as pessoas da comunidade foram indicações de um dos entrevistados, que também é morador do bairro, o que destaca principalmente as vivências das mesmas com a escola.

As perguntas-chave selecionadas para a codificação foram: “O que você entende por relação escola-comunidade?” e “Qual a sua opinião acerca do processo de militarização das escolas?”. Estas foram escolhidas por serem comuns a todos grupos-alvos das entrevistas. Para isto, criou-se uma unidade de registro, que é a unidade de significação a codificar (Bardin, 1977), baseando-se na categoria: palavras. Esta categoria foi utilizada mediante análise do conteúdo das respostas das

entrevistas, onde se notou algumas palavras “diagnósticas” e que inferem a compreensão que os entrevistados têm sobre o tema e, conseqüentemente, ao que está sendo perguntado.

Dos resultados obtidos, foi possível notar que, ao serem questionados sobre o que entendiam por relação escola-comunidade, os professores que estavam antes do processo de militarização (aqui designados por “PRÉ”) achavam que esta relação é **imprescindível**, em que a escola deve **aceitar** os estudantes de sua comunidade afinal, a mesma está **inserida** em uma comunidade maior, que é o bairro. Já os professores que não vivenciaram o processo (designados por “PÓS”) e chegaram pós militarização, pensavam esta relação em uma perspectiva de **interação e relacionamento** constante com a comunidade, em que a escola esteja com os **portões abertos** e acessível às pessoas.

O grupo que compõe a direção civil da escola apresentou uma ideia de que esta relação também está associada à **interação**, porém, aliado a isto, a concepção de **pertencimento**, em que a escola deve fazer e é parte da comunidade. Para os ex-estudantes esta relação estava mais associada à **participação** da comunidade com a escola, e que esta deve ser uma relação **obrigatória** e **necessária**. Além disso, eles enfatizaram a escola como um espaço de **reflexo** da comunidade, tanto dos problemas e pontos negativos como, dos pontos positivos também. Já as pessoas da comunidade que participaram das entrevistas, comungaram de que é uma relação **boa, importante** e também de **participação** da escola com a sua comunidade.

Com as respostas acima citadas foi possível diagnosticar que, os grupos possuem algum conhecimento do que vem a ser relação escola-comunidade, e pensam acerca desse tema, e apresentam exemplos particulares de suas vivências com o CPMDP. Ainda que expusessem ideias que são fundamentais para esta relação como, a necessidade de participação, interação e pertencimento, nenhum deles apresentou o reconhecimento da escola como instituição com potencial transformador e que sua interação com a sociedade pode modificá-los, mediante conhecimento da sua comunidade por parte da escola, como afirma Piletti (2004 apud Silva, Gomes; Santana, [201-], p.4).

Ao serem questionados acerca da relação da escola com a comunidade do entorno antes da militarização, se recordaram de eventos que eram realizados. Os professores “pré” responderam que a escola possuía portas abertas a todos, com afirmações como: “A escola fazia parte do cotidiano do Campo Limpo. Era um

espaço comum, comunitário” e “Sempre a gente convidava a comunidade”, além dos eventos que aconteciam como, as gincanas, campeonatos, amostras de trabalhos e torneios. Semelhante a estas respostas, as pessoas da comunidade também apresentaram a mesma opinião. Isto enfatiza a importância da escola como uma instituição social, que depende da sociedade e das relações e alianças estabelecidas com as famílias, com outras escolas, com a população (Gadotti, 2007), apontando-a ainda, como afirma Dayrell (1996), como um espaço sócio-cultural, levando em conta seu dinamismo, seu cotidiano, o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição (Dayrell, 1996).

Aos sujeitos que compõem a direção civil também foi feita uma pergunta semelhante, se há uma relação de aproximação com a comunidade do entorno nos dias atuais (como havia antes da militarização), e houve um consenso, negando essa relação atualmente, causando um forte sentimento entre as partes, “É uma coisa que eu sinto muita falta”.

Comungando a esta realidade de menor interação com a comunidade, os professores “pós”, ao serem indagados se notavam alguma interação da escola com as pessoas do bairro, as respostas em sua maioria também foram negativas: “Não, não há”, “[...] a gente desenvolve vários projetos na parte externa da escola (ainda nos perímetros da escola), só que não dá tanta facilidade para que outras pessoas cheguem por conta da segurança”. Já os ex-estudantes não recordava de atividades assim ou as que se recordava eram bem pontuais e tinham pouca ou quase nada de interações entre as partes, afirmavam alguns ainda que, “O que consigo recordar de escola se relacionando com a comunidade são os desfiles, que a gente desfilava e aí tinha contato com as pessoas da rua, elas assistiam e tal”. Foi notório nestas respostas o não acesso e conseqüente falta de interação entre a escola e comunidade do entorno, compactuando com a discrepante mudança pré e pós militarização do CPMPD.

Aos professores (pré e pós) e a direção civil ao serem questionados acerca do conhecimento das pessoas que são do bairro Campo Limpo, que tinham acesso à escola atualmente, sejam estudantes, funcionários ou professores, foram assertivos em concordarem que, existem estudantes, alguns professores mas, principalmente, funcionários que são do bairro, e conseqüentemente, possuem um acesso mais facilitado a escola. A esta realidade cabe salientar que, ao contingente de estudantes pertencentes do bairro, muitos são do turno noturno, que, como já

dito anteriormente, é um turno não militarizado, mas que, aplica algumas normas em seu funcionamento.

Em relação a questões se houveram mudanças no bairro com a implantação do CPMDP, muitos consideraram mais o aspecto segurança como fator “decisivo” na mudança ou não mudança local, e com isso não houve um consenso entre as partes. Professores “pré” confirmaram uma melhora parcial na segurança do bairro com a instalação do CPMDP, em oposição, os professores “pós” que negaram esta queda na violência local, e enfatizaram para opiniões como, “Com relação a redução de violência com a presença do CPMDP, isso não interfere em nada”, “A implantação da escola militar é para proteger os estudantes que frequentam a escola naquela comunidade. O objetivo nunca foi resolver o problema do bairro. Não vai ser uma escola, com muros altos, fechada, que vai resolver os problemas da dinâmica da violência dos bairros.”. A mesma opinião também foi compactuada pelos moradores, “Mesmo com o colégio aqui, ainda acontecem muitos assaltos por aqui. Aqui sempre teve e continua tendo, não diminuiu muito, não. Não inibiu a violência com a presença da escola.”. É notório que, o fator violência é invariável com a presença de escolas desse porte, ainda que seja um dos principais argumentos utilizados para a implantação de regime cívico-militares, como discutido também por Oliveira; Sampaio (2021).

Foram feitas também, perguntas relacionadas às mudanças imediatas no bairro e na escola com a militarização da instituição, e as respostas foram em sua maioria enfatizadas em: “A escola se fechou para a comunidade”, opinião compartilhada por professores “pré”, direção e moradores. Mas, este “fechar” foi gradual e processual. No início da militarização não houve uma imposição de expulsão da comunidade, em especial dos estudantes que ali já frequentavam. A dinâmica se deu da seguinte forma: estudantes já matriculados continuaram a estudar, e à medida que as turmas se renovava aconteciam os processos seletivos para a matrícula na instituição, inicialmente, via avaliação de conhecimentos, em que os estudantes deveriam obter média 7 e, posterior a isto, se iniciou apenas a matrícula mediante sorteio (que acontece até os dias atuais), em que há cotas para filhos de militares, servidores públicos e civis em geral.

As mudanças decorrentes do processo de militarização foram uma surpresa para todos os envolvidos, professores “pré”, direção e moradores se recordaram e relataram o período. Os professores “pré”, responderam que, ainda que estranhassem, houve uma aceitação, principalmente no aspecto segurança e disciplina, que

se imaginaria vir a melhorar com a implantação da Polícia Militar na instituição. Já a direção civil, afirmou a negação, inicialmente, do processo transitório, já que foram surpreendidos com a notícia. Isso contribuiu para que houvesse alguns conflitos, mas que cessaram ao longo do tempo e das vivências. E com isso, se estabeleceu o reconhecimento da necessidade e importância da parceria e do compartilhamento das direções (civil e militar) em prol da melhor educação para os estudantes. Nesta gestão compartilhada entre Secretaria de Educação (SEC) e a Secretaria de Segurança Pública (SSP) – Polícia Militar, que se estabelece a formação cívico-militar, a contemplar filhos de militares, servidores e civis (Santos; Vieira, 2019).

Já os moradores afirmaram sobre a receptividade da militarização, principalmente, por acreditarem na melhoria do estigma de violenta que se tinha da escola: “Foi uma surpresa, todo mundo gostou, porque a gente acreditava que quando mudasse, a violência iria acabar, como realmente acabou, deixou de ser um colégio violento”. Já aos professores “pós”, esta realidade não foi vivenciada em sua transição, e estes entrevistados afirmaram que foi o primeiro colégio da Polícia Militar com o qual tiveram contato, sendo uma surpresa e causando estranhamento, também para eles, a dinâmica diferente de um colégio civil “normal”, em que destacaram as “novidades” que foram, as condutas disciplinares, hierárquicas e de segurança pregadas pelo militarismo, o que corrobora com Santos; Vieira (2019), que abordam que com uma proposta escolar diferenciada, os colégios da Polícia Militar (CPM), possuem metodologias, finalidades, normas, valores, organização e funcionamento distintos das outras escolas (Santos; Vieira, 2019), justamente por apresentar sua gestão compartilhada, como sinalizado anteriormente.

E por fim, foi perguntado a todos os entrevistados: “Qual a sua opinião acerca do processo de militarização das escolas?”. Esta pergunta, bem como a pergunta sobre a compreensão da relação escola-comunidade, foi analisada mediante aplicação da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e também codificada por palavras-chaves ditas no discurso dos entrevistados à esta pergunta. Foi uma pergunta comum a todos os grupos-alvos, e houve diversas respostas, algumas de comum acordo com o processo de militarização das escolas, mas, com ressalvas acerca disso.

Quanto aos professores “pré”, foi possível notar uma discordância inicial acerca do processo, principalmente, no que tange a necessidade de uma instituição militar inserida em uma escola como via disciplinatória: “a militarização é o último recurso disciplinar, por que nenhum professor tem formação específica para um

colégio militar”, e “Eu acredito que as escolas deveriam ter uma dinâmica própria, sem precisar do militar para ter uma disciplina”. Ao passo que discordaram, em partes, houve um reconhecimento que, o fator **disciplina** ainda não foi pensado e conquistado de forma eficiente pela educação e pelas pessoas que a compõem, recorrendo a via militar como suporte para isto. Já aos professores “pós” houve opiniões favoráveis, destacando as **gestões** como fatores decisivos no processo para que o mesmo venha a ser **benéfico** ou não, além de opiniões que comungam às questões do **respeito e hierarquia**, presentes na cultura militar e que podem impactar positivamente na dinâmica escolar. E por fim, o fator **modelo/tipo** de escola que se tem com o processo de militarização, o qual nem sempre é de fácil **adaptação** por parte dos estudantes, e isto é um fator de grande relevância ao se discutir este processo.

Já a direção civil, mediante a experiência vivenciada ao longo de 17 anos de militarização do CPMDP, comunga com a ideia da dificuldade que há na interação de dois extremos (civil e militar), mas destacou a importância de **parceria** necessária e fundamental entre as partes em benefício da educação dos estudantes. E além disso, destacaram também os fatores **hierarquia e disciplina** como chaves importantes deste processo, refletindo também para os sucessos que recaem sobre a instituição como, os altos índices de aprovação em vestibulares bem como, em universidades via notas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Para os ex-estudantes prevaleceram os fatores **respeito, hierarquia e disciplina** como vantagens do espaço militarizado para uma melhor fluidez de um ambiente escolar mais produtivo, o que favorece também para outros fatores destacados como, **uniformidade** (não há distinção entre os estudantes na execução de tarefas e responsabilidades aplicadas), a **organização** e as **regras** bem estabelecidas. Porém, destacaram ainda, como alguns professores, como um modelo que não é **adaptativo** para todos os estudantes. E além disso, houve relatos também da naturalização de **pessoas armadas** no interior da escola (o que é de desgosto para alguns) e no discurso e prática **meritocrática** no ambiente escolar, favorecendo até mesmo a competição e disputa entre os estudantes.

E por fim, as respostas dos moradores, que versaram na concordância do processo de militarização, enfatizando, mais uma vez, as questões de disciplina, respeito e segurança que o modelo de escola CPM pode favorecer ao aluno bem como, a família. Porém, uma questão unânime entre as respostas foi, o acesso à escola. O fardamento (um fator muito destacado) e os processos seletivos e consequente

exclusão da comunidade é um desagrado para elas, que ainda sugeriram vias facilitadoras que consigam contemplar e favoreçam à uma maior inserção de jovens da comunidade à escola. Dentre as sugestões destacaram-se a criação de uma “cota” para a comunidade. Como em grande maioria da realidade educacional brasileira, é comum a escola contemplar os habitantes de suas áreas mais próximas, principalmente pela facilidade de deslocamento e segurança (destacado também pelos entrevistados), logo, se justifica o desagrado para alguns acerca do acesso à escola. Este acesso de estudantes matriculados do bairro refletirá nos resultados apresentados a seguir, que evidenciam as zonas de influências da escola.

QUESTIONÁRIOS

Os resultados dos questionários permitiram uma complementação das entrevistas, que comungam com um diagnóstico das zonas de influência do CPMDP em nível bairro e municípios que contemplam estudantes que, no ano de 2022, compuseram o quadro discente escolar. O questionário foi divulgado e encaminhado para todos os estudantes da escola, mas obteve-se retorno de 353 estudantes dos três turnos. Esse quantitativo se justifica devido a uma janela temporal estabelecida para a obtenção dos dados, o que impossibilitou o alcance de todo o corpo discente da escola. Ainda assim, não houve prejuízos porque este não era o objetivo principal da pesquisa.

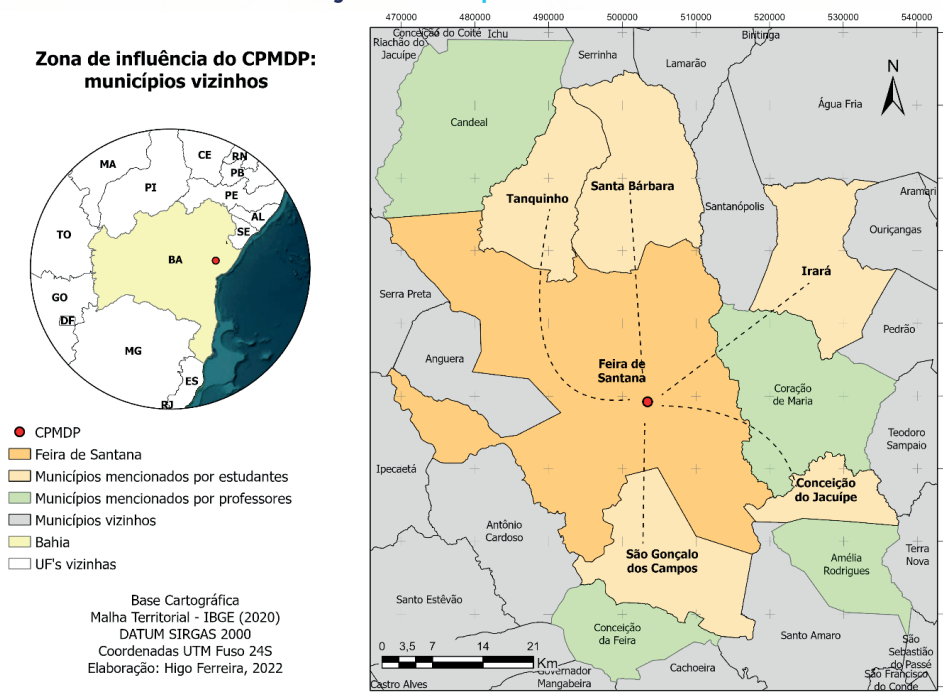
A aplicação do questionário teve como objetivo a coleta de dados que possibilitasse o quantitativo de estudantes do CPMDP que residem ou não no bairro Campo Limpo bem como, se recordam de atividades realizadas na escola que contaram com a participação da comunidade do entorno.

Ao serem perguntados acerca do turno que estudavam, 208 estudavam no turno matutino (58,9%), 103 no turno vespertino (29,2%) e apenas 42 foram do turno noturno (11,9%). Estes resultados dimensionam aqueles que estão sob o regimento escolar militar, e os que não estão. A permanência do turno noturno é considerada por muitos professores da instituição como “um ato de resistência”, já que esta não é uma realidade de outros colégios militares na Bahia, que não apresentam funcionamento neste turno.

Acerca do município de origem, 84,4% ou 298 estudantes responderam que são do município de Feira de Santana, enquanto os outros 55 estudantes (15,6%) são de distintos municípios baianos e até mesmo, de outros estados como, São

Paulo e Minas Gerais. Aqueles que residem em Feira de Santana são um total de 334 estudantes (94,6%), enquanto os outros 19 (5,4%) são residentes de municípios vizinhos como, Tanquinho, Santa Bárbara, Irárá, Conceição do Jacuípe e São Gonçalo dos Campos (Figura 2).

Figura 2 - Municípios vizinhos



Fonte: elaborado pelo autor (2022)

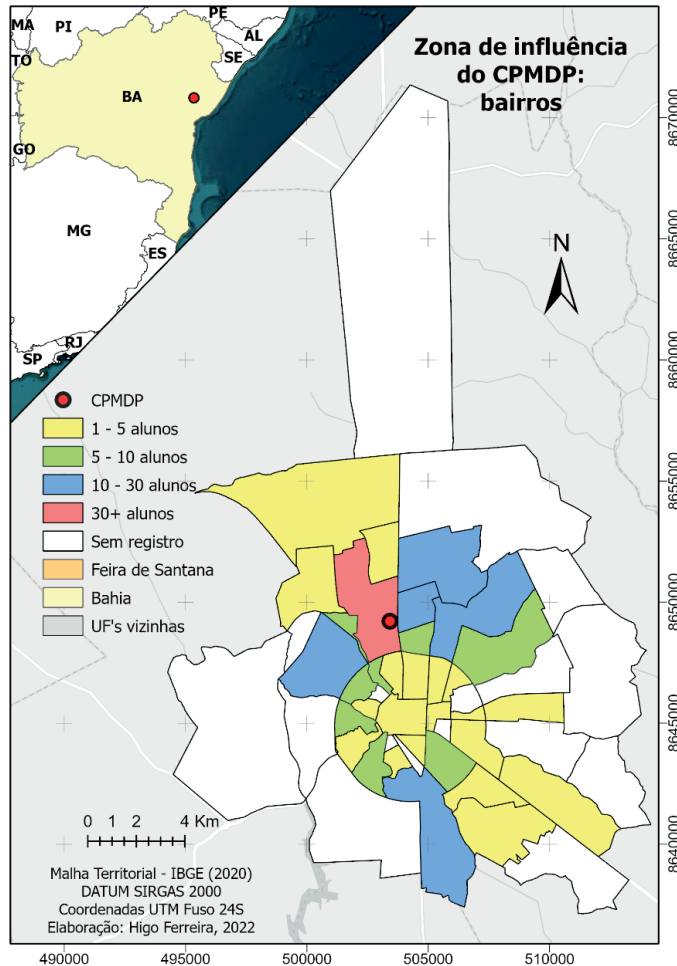
Estes dados revelam a zona de influência do CPMDP com os municípios vizinhos a Feira de Santana e, foi enfatizado ainda por algumas contribuições de professores entrevistados, que destacaram também outros municípios contemplados por essa zona, mas que, não foram diagnosticados nas respostas dos estudantes. É importante enfatizar que estes resultados são apenas uma amostra da influência real, que acaba por não revelar algumas outras questões em torno desta problemática como, a de que muitos estudantes são originários destes municípios, e também de outros mas, se mudaram para o bairro ou município de Feira de Santana para estudarem na instituição.

Foi feita uma pergunta para conhecer melhor se estes estudantes são residentes no bairro Campo Limpo, e se obteve como resposta um total de 98 (27,8%) estudantes residentes enquanto os outros 72,2% ou 255 são de outros bairros de Feira de Santana. Este dado enfatiza a falta ou uma pequena parcela de estudantes do próprio bairro na escola, inferindo assim, uma possível ou baixa relação da escola com as próprias pessoas da sua comunidade de entorno.

Complementar aos dados de municípios vizinhos, a figura 3 destaca os bairros e o quantitativo de estudantes que deles são originários e estudam no CPMDP. Em amarelo, os bairros de Pedra Ferrada, Novo Horizonte, Asa Branca, Subaé, SIM, Aviário, Centro, Pedra do Descanso, CASEB dentre outros, em que há entre 1 e 5 estudantes. Em verde, Cidade Nova, Conceição, Mochila, Pampalona e outros, com frequência de 5 a 10 estudantes. Já em azul, Papagaio, Gabriela, Tomba, Mangabeira e Parque Ipê, com 10 a 30 estudantes. E por fim, o próprio bairro Campo Limpo, com 30 ou mais estudantes.

Porém, como enfatizado anteriormente, é preciso considerar que, este quantitativo pode não sinalizar a realidade escolar, afinal, o número de estudantes em todos os três turnos resultava em mais de 1000 estudantes, segundo informações disponibilizadas pela própria escola, então, os 353 que responderam correspondiam a uma parcela do total. Mas claro, uma amostragem necessária e importante no dimensionamento desta zona de influência do CPMDP. E quanto ao elevado número de estudantes que residem no Campo Limpo e estudam na escola (Figura 3), é preciso enfatizar que, muitos destes são de outros municípios mais distantes de Feira de Santana, o que inviabiliza um deslocamento diário, e acabam por optar em mudanças e residir no próprio bairro, próximo a escola, e com isso, pode-se inferir que, ao responderem ao questionário, tenham afirmado que residiam no bairro, refletindo nos dados desta realidade.

Figura 3 - Bairros



Fonte: elaborado pelo autor (2022)

E por fim, ao serem questionados se recordava de atividades realizadas na escola que teve uma participação da comunidade local, 321 (90,9%) destacaram que não se recordava, em oposição a apenas 32 (9,1%) dos estudantes que responderam positivamente, destacando ainda algumas destas atividades como, gincanas, doações e desfile do 7 de setembro. Logo, se notou a pouca ou quase inexistência de atividades voltadas e/ou com a participação da comunidade de entorno, fortalecendo cada vez mais o distanciamento e pouca relação da escola com a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se concluir que, as relações do CPMDP com a comunidade de entorno foram alteradas ao longo dos anos. Em seu período pré militarização havia uma interação maior desta com a escola. Como constatado nos relatos dos entrevistados, aconteciam eventos que de alguma forma possibilitavam um maior contato e troca entre as partes bem como, um acesso mais facilitado das pessoas do bairro ao interior da escola, e este acesso se vale tanto para a matrícula de estudantes, como o acesso ao espaço físico da mesma, a exemplo da utilização da quadra em campeonatos, também destacado nas entrevistas.

No que tange aos motivos de escolha da escola para ser militarizada, não foram encontradas evidências que apresentassem um motivo principal para isto. Mas pode-se inferir algumas hipóteses como: a proximidade da antiga escola com o Primeiro Batalhão de Ensino Instrução e Capacitação da Polícia Militar Bahia, além do que foi bastante dito pelos entrevistados: a violência no bairro. Ainda que no colégio, em sua fase pré militarização, houvesse registros de indisciplina dos estudantes, ações violentas, e o bairro em que está localizado tivesse o estigma também de violento, estes não foram diagnósticos concretos para responder ao questionamento. Este assunto também refletiu em questionamentos acerca da dinâmica do bairro e influência do CPM no mesmo, em que se constatou que, com a militarização, esta dinâmica foi pouca ou quase não alterada, em especial ao quesito segurança (principal aspecto destacado pelos sujeitos entrevistados), que houve pouca ou nenhuma alteração, e como relatado: "a presença militar, naquele espaço, não inibiu ações de marginais".

Já em relação a sua zona de influência e presença discente, foi constatado que, a escola já não apresenta majoritariamente uma maior presença de estudantes do bairro, com ressalvas claro, aos do turno noturno, que são do Campo Limpo e adjacências e dos que se mudaram e residem no bairro para estudar na escola. Esta realidade refletiu diretamente também, na zona de influência em nível municipal, que revelou a presença de muitos estudantes que residem em municípios vizinhos e migram diariamente para estudar. Em nível local, se reforçou essa zona de influência, que contempla diversos bairros do município de Feira de Santana. Ou seja, há cada vez menos estudantes do bairro, e este é um dos fatores que corroboram para a queda ou mesmo a inexistência na relação escola-comunidade que se estabelecia no bairro Campo Limpo e CPMDP.

Por fim, na tentativa de favorecer a um real panorama de como se encontra a relação escola-comunidade foi que a presente pesquisa se debruçou em investigar e claro, estimular para que novas pesquisas na área sejam realizadas, em especial se tratando de realidades em contextos militares ou militarizados, já que são processos em intensa expansão no meio educacional brasileiro. Propõe-se que, diante do exposto, a realidade estudada possa ser gradualmente revista, repensada e modificada, visando sempre a importância e necessidade de haver a parceria escola-comunidade em benefícios de uma educação de qualidade e acessível a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cad. Pesq.**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 51-54, 1984. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/528.pdf>. Acesso em: 10 maio 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Qualitative Research for education: an introduction to theory and methods**. Boston, Allyn and Bacon, 1982. Disponível em: http://math.buffalostate.edu/dwilson/MED595/Qualitative_intro.pdf. Acesso em: 12 mai. 2022.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**, UFMG, Belo Horizonte, v. 194, p. 136-162, 1996. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1748941/mod_resource/content/1/Escola_Dayrell.doc. Acesso em: 10 maio 2022.

BRASIL. **Decreto nº 10.004**, de 5 de setembro de 2019. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Diário Oficial da União - Seção 1, Brasília, p. 1, 2019. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2019/decreto-10004-5-setembro-2019-789086-publicacaooriginal-159009-pe.html>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 11.611**, de 11 de julho de 2023. Revoga o Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019, que institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Diário Oficial da União - Seção 1, Brasília, p. 3, 2023. Disponível em: <https://www2>.

camara.leg.br/legin/fed/decret/2023/decreto-11611-19-julho-2023-794456-publicacaooriginal-168519-pe.html. Acesso em: 25 abr. 2022.

GADOTTI, M. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007. E-book.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. v. 5, n. 31, São Paulo: Em Aberto, 1986.

OLIVEIRA, A. P. de; SAMPAIO, A. V. O. Militarização das escolas públicas: opção ou imposição? - uma proposta de pesquisa. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL E SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E PRÁXIS EDUCACIONAL - SEMINÁRIO GEPRÁXIS. 2021. Vitória da Conquista. **Anais...** Vitória da Conquista. 2021, v. 8, n. 8, p. 1-11. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9515> Acesso em: 22 abr. 2022.

PILETTI, Nelson. **Sociologia da educação**. São Paulo: Ática, 2004.

SANTOS, A. G. dos; VIEIRA, J. N. Colégio da polícia militar Alfredo Vianna: características de uma cultura escolar-militar. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, RBPAE, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 725-744, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/96074/55506>. Acesso em: 18 maio 2022.

SANTOS, C. de A. et al. Militarização das escolas públicas no Brasil: um debate necessário. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 580 - 591, mai./ago, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/99295/55539>. Acesso em: 10 maio 2022.

SANTOS, J. dos; SILVA, M. A. da. Análise sócio-ambiental do bairro Campo Limpo-Feira de Santana/Ba. SEMOC - SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA. 2003. Salvador. **Anais...** Salvador. 2003. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/2212/1/An%c3%a1lise%20s%c3%b3cio-ambiental%20do%20bairro%20Campo%20Limpo%20-%20Feira%20de%20Santana/Ba.pdf>. Acesso em: 18 maio 2022.

SILVA, E.; GOMES, L. S.; SANTANA, V. H. **Escola e comunidade:** uma relação necessária. S.l. [201-]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/53477327-Escola-e-comunidade-uma-relacao-necessaria.html>. Acesso em: 12 maio 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS). **Resolução CONSEPE nº 061/2008.** Projeto Estágio Supervisionado e Pesquisa: possibilidades de produção de conhecimento na Licenciatura em Geografia da UEFS. Feira de Santana: UEFS, 2008. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1FbYoCW_I0kU5RJa01QGqTeEPmLMJsqLc. Acesso em: 12 mai. 2022.